



OFICINA DO CES

ces

Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Faculdade de Economia
Universidade de Coimbra

MARIA ELISA DE ALMEIDA MARIZ

**ALÉM DOS 60:
TRABALHO E BEM-ESTAR DOS MORADORES
DE COIMBRA E SÃO PAULO**

**Julho de 2008
Oficina nº 311**

Maria Elisa de Almeida Mariz

Além dos 60:

Trabalho e bem-estar dos moradores de Coimbra e São Paulo

**Oficina do CES n.º 311
Julho de 2008**

OFICINA DO CES
Publicação seriada do
Centro de Estudos Sociais
Praça D. Dinis
Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

Correspondência:
Apartado 3087
3001-401 COIMBRA

Maria Elisa de Almeida Mariz¹

**Além dos 60:
Trabalho e bem-estar dos moradores de Coimbra e São Paulo**

Resumo: Partindo de uma discussão sobre o aumento da população dos maiores de 60 anos a nível mundial, o presente texto versa sobre as demandas e os desafios que a conquista da longevidade traz para os governos, a sociedade e os indivíduos, especialmente os mais longevos, e apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com pessoas a partir dos 60 anos, residentes em Coimbra e em São Paulo, Brasil, reformadas, mas que estão trabalhando de forma remunerada ou voluntária. A pesquisa, realizada por meio de entrevistas, revela as percepções dessas pessoas no que se refere ao significado da família, amigos, afeto e trabalho em suas existências.

As análises permitem concluir que o trabalho exerce uma forte influência no bem-estar desses indivíduos na medida em que lhes possibilita manter contato permanente com diferentes pessoas, sentirem-se úteis e acima de tudo utilizar as suas potencialidades.

Introdução

O aumento da população com mais de 60 anos é um fenômeno que ocorre há vários séculos a nível global, mas tem se acentuado ao longo das últimas décadas no contexto do progresso mundial graças aos significativos ganhos nos domínios da higiene, da nutrição e da medicina, e deve se intensificar num ritmo cada vez mais acelerado.

A longevidade foi uma das grandes conquistas da humanidade no século XX e, por conseguinte, o envelhecimento será um dos grandes desafios do século XXI para os governos, para a sociedade e para os indivíduos. É certo que essas conquistas não vêm isoladas; ao contrário, chegam acompanhadas de novas demandas para os governos no tocante às políticas públicas, no âmbito social e previdenciário. Para a sociedade coloca o desafio de que sejam criadas novas formas de longo e intenso convívio na esfera social e familiar e, para o indivíduo, exige a sua disposição de aprender coisas novas que permitam interagir de forma harmoniosa com o mundo moderno e com as novas gerações. O aumento da esperança de vida, a redução da mortalidade infantil e a queda da fecundidade contribuíram para uma

¹ Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, fez estágio no CES no período Março a Julho/2008 sob a orientação do Prof. Pedro Hespanha. A autora agradece a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, com destaque para aqueles que concederam as entrevistas. Agradecimento especial é endereçado ao Prof. Pedro Hespanha pelo apoio oferecido em clima de sincera amizade.

transformação profunda na estrutura etária da população em todas as regiões do mundo, pois como indica o World Economic and Social Survey 2007,¹ a esperança de vida de 1950 a 2005 passou de 47 para 65 anos e deverá ser de 75 anos até 2050. Em igual período a fecundidade caiu de 5,0 para 2,6 filhos por mulher e a estimativa é de que até 2050 chegue a 2 filhos. Em várias regiões do mundo, em países desenvolvidos e também em muitos países em desenvolvimento, a descendência final é agora inferior a 2 filhos por mulher e, portanto, inferior ao nível necessário para a substituição da população a longo prazo.

Este artigo é parte da pesquisa para o meu estágio de doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, realizado no período de Março a Julho de 2008, cujo tema refere-se às pessoas com 60 ou mais anos de idade. O principal objetivo da pesquisa é conhecer os motivos que levam estas pessoas, já reformadas, a continuarem trabalhando, dado que, por hipótese, admite-se existir uma forte relação entre o bem-estar físico e emocional e o exercício de uma atividade profissional. A formulação dessa hipótese surgiu de observações do cotidiano feitas por esta pesquisadora, na cidade de São Paulo – Brasil, ao constatar, empiricamente, que um número significativo de pessoas, com 60 anos ou mais, já reformadas, retomavam a sua vida profissional. Muitas delas voltavam a trabalhar na mesma empresa, outras seguiam novos rumos buscando oportunidades no mercado de trabalho, outras prestavam concursos para ingressar em órgãos públicos e finalmente havia aquelas que constituíam empresas para abrir o próprio negócio. Na tentativa de entender um pouco essas questões buscou-se, primeiramente, fazer uma revisão bibliográfica em autores de diferentes áreas, como a sociologia, a gerontologia, a psicologia, entre outras. O passo seguinte foi iniciar as entrevistas com base em um questionário composto de questões que abrangem dados demográficos e aspectos referentes à saúde, ao trabalho e aos relacionamentos sociais e afetivos.

Os levantamentos estatísticos referentes ao Brasil e a Portugal apresentam dados que poderão assustar, se forem vistos somente pela perspectiva de que a população idosa acarreta despesas comprometedoras para a segurança social. No entanto, se forem considerados os potenciais, as competências, as novas condições de saúde em que vive grande parte das pessoas maiores de 60 anos, nomeadamente até à faixa etária de 75 anos, os dados poderão parecer positivos e, porque não, promissores. O envelhecimento pode criar novas oportunidades para os países se for estimulada a participação dos maiores de 60 anos em todos os setores essenciais ao

¹ Publicado pelo Department of Economic and Social Affairs da ONU.

desenvolvimento social, político e econômico, principalmente nos países desenvolvidos onde esse segmento tem maior participação na pirâmide populacional.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente no mundo, uma em cada dez pessoas tem 60 anos ou mais de idade e em 2050 estima-se que essa relação será de uma para cada cinco pessoas, sendo que nos países desenvolvidos será de uma para cada três pessoas. No Brasil, em 2004, o contingente de maiores de 60 anos era de 9,7 % da população brasileira e a estimativa é que em 2020 esse percentual chegue a 15% da população total. Em Portugal, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2001 as pessoas com mais de 60 anos representam 21,67 % da população, percentual este superior à população de 0 a 15 anos. Por sua vez, em 2001, a esperança de vida dos portugueses ao nascerem era de 80,5 anos para as mulheres e de 73,6 para os homens, enquanto que, no Brasil, dados do IBGE de 2006, a esperança de vida era de 68,5 anos para os homens e 76,1 para as mulheres.

Trabalho e reforma – perdas e ganhos

O trabalho tem sido o centro organizador de toda vida social desde os primórdios da humanidade, construindo identidades, definindo relações sociais, possibilitando ganhos salariais, contatos profissionais, prestígio, entre outros. O valor do indivíduo, seu reconhecimento enquanto ser humano pode ser medido pelos papéis profissionais que ele representa e pela posição desses papéis no sistema social. Por conseguinte, para Santos (1990) é a identidade profissional que define o sujeito e determina o seu ambiente na sociedade.

O trabalho pode representar um papel central para o indivíduo, logo, a fonte mais importante de reconhecimento e de valorização. Se o sujeito representa um papel aprovado socialmente, atrai a aprovação e o amor do outro e se na sociedade o papel profissional, além de parecer obrigatório, representa uma das atividades mais valorizadas, o sujeito é levado a exercê-lo como fonte de prestígio, de poder e de aceitação. Cada pessoa se inscreve em um universo diferente de relações sociais e cada uma investe na função profissional segundo suas necessidades, suas motivações e suas aspirações. Enquanto determinante do lugar do sujeito no sistema social, o trabalho assume a função de fonte de renda e de engajamento social, balizando as ações do sujeito no que diz respeito aos tipos de atividade social e cultural que desenvolve em seu tempo livre. Ao se desvincular do trabalho, o sujeito sente-se isolado, sem prestígio, sem ocupação, sem vínculos sociais, sem norte. Essas idéias são tratadas por De

Masi (2000) quando aborda as modificações que a revolução industrial causou nas organizações e na vida dos trabalhadores, que passou a ser dividida em três etapas – juventude, fase adulta e velhice –, vividas sob uma sincronização estereotipada de estudo na juventude, trabalho na fase adulta e coerção ao descanso na velhice. Do início do século passado até os nossos dias, o ser humano teve a sua vida prolongada por mais de quatro décadas e o que parece é que as pessoas não foram preparadas para desfrutar esse prolongamento da vida fora do trabalho. Enquanto mantinha vínculos com a organização, o indivíduo internalizou a idéia de que era insubstituível e indispensável; ao se reformar ou aposentar perde o seu lugar no sistema de produção e parte das suas referências. O papel profissional pode representar para o indivíduo uma das fontes (talvez a mais importante) de satisfação, de reconhecimento, de prestígio e de poder, dado que o trabalho representa para ele não apenas um meio de sobrevivência, mas a sua inserção no sistema de relações econômicas e sociais. O trabalho e a profissão funcionam como o cartão de visitas, conferindo ao sujeito uma identidade social. O sujeito é aquilo que faz e a sua marca se confunde com a marca da empresa a que está vinculado profissionalmente. O indivíduo pode encontrar no seu papel profissional uma defesa contra as frustrações de outros domínios pessoais, uma fonte de ação e produção que lhe dá um sentimento de ser útil, de servir a algo e de ser valorizado.

Ao se reconhecer a importância atribuída ao trabalho pela sociedade e pelos indivíduos compreende-se mais facilmente o que representa a perda deste papel no momento em que o sujeito se afasta do trabalho, mesmo que na condição de reformado. Sem um projeto para essa nova fase da vida, o sujeito passa a contabilizar e potencializar as perdas em vez de usufruir o seu tempo livre, com a família, com os amigos e com os vizinhos, porque, para muitos, esses relacionamentos foram se perdendo ao longo dos anos. Nesse contexto emergem alguns questionamentos: esse sujeito ao se aposentar encontrará elementos e forças para reorganizar os seus vínculos e as suas relações sociais? Como ele vai se apresentar aos seus pares sem as referências que perdeu com o trabalho? Como vai abdicar de comportamentos que o acompanharam por quatro décadas ou mais? Essas questões assumem uma dimensão mais complexa quando o indivíduo em questão tem mais de 60 anos e, por mais que não se considere, ele é visto e tratado pela sociedade como um idoso, um velho, um inativo, alguém que já perdeu a utilidade no mundo produtivo e a beleza no mundo *fashion*.

Perante a sociedade, a reforma é confundida com a chegada oficial da velhice, é o atestado oficial do ser velho, o fato que marca a passagem da fase madura, de produção, para a fase da velhice – de prostração e inutilidade. A literatura mostra que num passado não muito

remoto, para algumas civilizações, a velhice era dotada de prestígio, era sinônimo de sabedoria e experiência, o que levava o sujeito a conservar um papel ativo no grupo social. Na sociedade atual, em que a ênfase é dada à juventude e à capacidade de produção, ser velho representa uma perda de prestígio, um afastamento do mundo social. É fato que a velhice é uma fase de prejuízos sociais, de declínio no funcionamento das funções vitais, de perdas de familiares, cônjuges, amigos, é um fenômeno irreversível que conduz inexoravelmente à morte. Essa certeza, para muitos, é fonte de angústia podendo se transformar em desmotivação para uma velhice autônoma, bem sucedida, com alegria e bem-estar. Dessa condição emerge a inevitável pergunta: onde encontrar mecanismos que atenuem essas perdas?

A reforma foi conquistada como uma compensação pelos anos de dedicação ao trabalho, um atenuante, um benefício para a classe trabalhadora, a oportunidade de usufruir um direito, de usar recursos que durante anos foram poupados. É o momento de colocar em prática projetos até então guardados à espera de realização, é a chance de curtir a família, os filhos, os netos, enfim, uma fase para desfrutar de autonomia nas escolhas das atividades. Igualmente, a reforma pode acarretar uma vida vazia, sem propósitos, sem objetivos, sem o *status* e o prestígio profissional, enfim, um modo de viver a solidão. O ser reformado que não se educou para um novo modelo de vida sofre com o isolamento, e a biologia humana rejeita essa condição. O homem morre quando cessa a possibilidade de aprendizado, adverte Corte (2005), e acrescenta que o ser reformado, isolado, sem chance de doar o que aprendeu ao longo da vida, morre porque ao não doar a sua experiência de vida, nada recebe. O homem é um ser gregário que se alimenta de afeto e se a cadeia de dar e receber é interrompida, ele não sobrevive.

O atual cenário tem mostrado que muitos profissionais reformados regressam ao trabalho, seja exercendo as mesmas funções, seja aprendendo novas como meio de possibilitar um aumento de renda, um complemento à reforma ou mesmo para se manterem ocupados. Essa tendência suscita muitas outras dúvidas no que se refere às reais motivações para a volta dessas pessoas ao trabalho: será apenas um meio de aumentar os rendimentos? Será para manter contatos sociais e buscar manter o *status quo*? Ou a volta ao trabalho significa a eterna busca por reconhecimento e autorealização não encontradas no lazer, na inatividade e/ou no ócio?

Empreender em um negócio – uma alternativa viável?

No segmento dos maiores de 60 anos há um número expressivo de pessoas preparadas e competentes, dispostas a reativar suas atividades profissionais e esse número cresce cada vez mais à medida que as empresas adotam a política de cortar custos incentivando as reformas

antecipadas desses profissionais, perdendo com isso um vasto conhecimento e competências construídas em décadas de experiências vividas nessas organizações. Essas perdas têm impacto sobre toda a organização, afetando não só as pessoas diretamente atingidas mas também as que são poupadas, sobre cujos destinos se sentirão incertas. Nessa lógica, ilógica, a economia feita com a saída das pessoas mais maduras e preparadas é utilizada para investir em programas de formação, universidades corporativas e treinamento para desenvolvimento de novas competências nas pessoas jovens. Os dirigentes de empresas sofrem de uma grave miopia ao deixar de reconhecer os talentos existentes nesses profissionais longevos.

Os trabalhadores brasileiros entram na reforma relativamente cedo, haja vista o fato de que, via de regra, começam a trabalhar na adolescência. Outro fator que contribui para essa tendência é a lei da reforma por tempo de serviço que vigorou até recentemente, permitindo que muitos trabalhadores se aposentassem com menos de 50 anos de idade. Essas pessoas, ao que parece, no auge das suas forças produtivas, dispostas a desenvolver novas competências, não encontram as desejadas vagas no mercado de trabalho. Esse fato, aliado a outros de caráter mais desafiador, deve ser o motivo para se lançarem a novos empreendimentos e abrir o próprio negócio. Em São Paulo, tem se observado uma forte tendência das pessoas abrirem um negócio após a reforma, em especial aquelas situadas numa faixa de renda razoável e com bom nível educacional, explica Néri (2007). Essa tendência é confirmada por Bonfim (2005) em matéria no jornal *O Estado de S. Paulo*, ao apresentar histórias de profissionais brasileiros que após a aposentadoria estão empreendendo em diferentes negócios. Com o título “Inteligência não se aposenta”, a matéria traz exemplos de pessoas com idade entre 64 e 81 anos que utilizam essa nova fase como uma oportunidade para desfrutar o lazer, para ter um estilo de vida com mais autonomia em relação a horários, mas, sobretudo, para investir na gestão de um negócio ou iniciar uma segunda carreira.

Um dos desafios do mundo moderno é que ele impõe ao ser humano a necessidade de aprendizagem e reaprendizagem de forma contínua e ao que parece muitas pessoas têm dado respostas positivas e reagido proativamente a essas demandas, assumindo a responsabilidade pelo seu aprendizado constante e pelo seu autodesenvolvimento. Esses comportamentos se revelam na forte presença de candidatos a empresários nos cursos sobre planejamento e gestão de negócios realizados em todo o território brasileiro pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), cuja demanda tem aumentado a cada ano. No entanto, a despeito das inúmeras empresas que são constituídas, o índice de mortalidade nos pequenos negócios ainda é muito elevado. Estudos do SEBRAE realizados em nível nacional

em 2004 revelam que 49,4% dos pequenos negócios sucumbem nos primeiros dois anos de existência e as principais causas decorrem da falta de capacidade dos empresários em planejamento e gestão, associadas a outras de cunho econômico e financeiro, à concorrência, à falta de clientes e a dificuldades com fornecedores. Esse quadro sugere que os pequenos empresários brasileiros ainda carecem de aprendizagem para alcançar o nível daquilo que Peter Drucker designa por sociedade empreendedora, isto é, uma sociedade que é capaz de sonhar, planejar e transformar os sonhos em realidade. O autor vê o empreendedorismo além do aspecto econômico ao afirmar que “o surgimento da economia empreendedora é um evento tanto cultural e psicológico, quanto econômico ou tecnológico” (Drucker, 2005: 20), pois independentemente das suas causas e das suas motivações, os seus efeitos estarão acima de todos os de ordem econômica. Por conseguinte, as tecnologias modernas de administração possibilitaram essa mudança na sociedade, como sejam a inovação sistemática e a busca e aproveitamento de novos horizontes para satisfazer a carências e necessidades humanas. Para o autor, quanto mais os indivíduos avançarem em seus estudos, mais empreendedoras serão suas carreiras e mais exigentes os seus desafios para o aprendizado, pois o empreendedor não teme a mudança, sempre reage a ela na perspectiva de enxergar oportunidades a serem exploradas. Parece-nos que o empreendedorismo traz em seu bojo uma forte relação com o aspecto econômico, mas empreender diz respeito a todas as atividades dos seres humanos. Ser empreendedor é ser proativo, ser capaz de identificar oportunidades de negócios ainda não exploradas, mas é também ser capaz de identificar necessidades de mudança nos próprios comportamentos e de quebrar paradigmas no modo de ser e de viver.

Nessa perspectiva, seria plausível admitir características empreendedoras nos maiores de 60 anos? Essas pessoas estão motivadas a novas aprendizagens? Há nessas pessoas alguma disposição para novos sonhos e empreendimentos e para correr riscos?

Visitas e entrevistas

Para a entrevista foi utilizado um roteiro ou guia composto de duas partes. A primeira com questões sobre gênero, idade, estado civil, número de filhos e netos, escolaridade e ocupação, e a segunda parte com questões acerca da atividade profissional, estilo de vida, condições de saúde, esportes, hobbies, lazer, religião e relacionamento social. A utilização do roteiro objetivou a organização dos dados, a facilitação no seqüenciamento das perguntas, sem, no entanto, engessar as respostas, pois houve o cuidado de adotar um clima em que as pessoas, de forma espontânea, falassem das próprias experiências nos diferentes domínios da vida. No

que se refere à caracterização dos sujeitos, os critérios previamente definidos na escolha foram: ser reformado, ter mais de 60 anos e estar trabalhando, com rendimentos ou de forma voluntária. Procurou-se também equilibrar a quantidade por sexo, mas a maioria dos entrevistados é do sexo masculino e para explicar este fato não se encontram maiores razões a não ser a impossibilidade de conciliar o cronograma com a forma utilizada para encontrar os sujeitos, como seja: indicação de amigos, indicação de funcionários de lojas, de sujeitos entrevistados, abordagem direta da pesquisadora a alguns comerciantes na baixa de Coimbra. Houve até um caso curioso de uma mulher que, ao tomar conhecimento deste trabalho, durante um almoço numa instituição de idosos em Coimbra, se apresentou à pesquisadora, forneceu o endereço, número do telefone e se dispôs a dar uma entrevista, que depois foi devidamente marcada e realizada. Essas condições, somadas aos critérios exigidos, explicam a imprecisão da amostra sem, no entanto, comprometê-la.

Durante o período do estágio em Coimbra tive oportunidade de visitar algumas instituições de idosos, entre elas a Cáritas, a Casa dos Pobres e a Associação Nacional de Apoio ao Idoso (ANAI) – Oficina do Idoso, além de participar de alguns eventos como, por exemplo, o Almoço dos Românticos – acontecimento mensal que tem como objetivo reunir e integrar os associados da Casa dos Pobres e arrecadar recursos para a Instituição; palestra sobre educação de adultos; aulas de pintura e apresentação deste projeto na Oficina do Idoso. Uma prática bastante utilizada para conhecer pessoas com mais de 60 anos, em Coimbra, foi visitar alguns pontos de encontro desse público, localizados na baixa, entre eles os cafés da Portagem, reduto de casais e senhoras bem arranjadas e elegantes; o Jardim Dr. Manuel Braga com seus restaurantes e assentos públicos, onde aos Domingos dezenas de famílias – algumas reunidas em três gerações –, por lá passeiam e fazem seus piqueniques; e a Praça 8 de Maio que, invariavelmente, é visitada às tardes por grupos de senhores que ali se reúnem para “contar casos e tomar um copo”. Uma tentativa de aproximação com esses grupos foi feita com êxito e iniciada com muita timidez; contudo, ao fim de alguns minutos o ambiente tornou-se acolhedor e receptivo, dir-se-ia que mais pela abertura espontânea do grupo, do que pela natureza do objetivo da pesquisadora em conhecer de perto a atmosfera dominante nesses encontros, aparentemente fechados. Os atores desses grupos de senhores são habitualmente moradores da baixa e de aldeias próximas. A impressão que marcou essa experiência é a de que existe uma forte solidariedade entre essas pessoas, conforme Portugal (2007: 4) afirma: “as redes informais de solidariedade e, sobretudo a família, são um elemento importante no apoio social e, portanto, a ter em conta quando se trata de discutir a produção total do bem-

estar numa sociedade”. Sem dúvida, os maiores de 60, objeto deste estudo, por serem mais suscetíveis a vulnerabilidades no domínio da saúde e de cuidados pessoais, poderão se beneficiar dessa rede informal de solidariedade e do apoio familiar, pois “a solidariedade familiar manifesta-se através da capacidade de acolher familiares necessitados, através dos cuidados com os idosos, as crianças e os deficientes ou através da partilha de bens, como a terra, a casa, as roupas e os alimentos” (Møller e Hespanha, 2002: 20).

Para efeito desta investigação nesses cinco meses em Coimbra foi essencial o apoio recebido das redes formais (acadêmica e Instituições de Idosos) e informais (rede de amigos). Assim foram entrevistados 10 sujeitos em Coimbra, cujos dados estão reunidos na **Tabela 1**; na **Tabela 2**, estão os dados dos sujeitos residentes em São Paulo, embora de forma incompleta, já que a pesquisa será concluída no segundo semestre de 2008.

Tabela 1. Distribuição dos sujeitos entrevistados com dados demográficos

Sujeitos residentes em Coimbra – Portugal							
	Sexo	Idade	Estado civil	Filhos	Netos	Nível de Escolaridade	Ocupação (*)
Sujeitos	M	68	Casado	2	1	Curso Técnico	TV
ADA	M	81	Viúvo	1	2	Curso Técnico	TV/TR
AM	M	66	Casado	2	1	9ª. Classe	PME
CAF	M	70	Casado	1	-	4ª. Classe	PME
HPM	F	73	Solteira	-	-	Curso Superior	TV
MCR	F	62	Casada	-	-	Curso Superior	TV
MFC	F	70	Casada	1	1	4ª. Classe	PME
MTB	F	64	Casada	2	1	Curso Superior	TV
MCG	M	67	Viúvo	2	2	4ª. Classe	TR
MN	M	67	Casado	2	2	Curso Superior	TR/TV

(*) TR – Trabalho Remunerado; TV – Trabalho Voluntário; PME – Proprietário Microempresa.

Fonte: Entrevistas realizadas a portugueses residentes em Coimbra, 2008.

Dos sujeitos residentes em Coimbra 60% exerce uma atividade remunerada seja em seu próprio negócio (AM, CAF e MFC), seja fazendo assessoria contábil (ADA), seja trabalhando de vendedor interno (MCG), seja atuando no setor público (MN). O trabalho voluntário também está presente no cotidiano desses sujeitos. Há quatro dentre eles que se dedicam exclusivamente ao voluntariado, como é o caso de APB, que começou a atuar no voluntariado aos 17 anos e nunca mais parou. Atualmente coordena a parte administrativa de um Centro Social em São Martinho do Bispo, onde tem diariamente uma jornada de pelo menos 4 horas, participa de outro projeto com atividades lúdicas e recreativas para idosos formados quase que 100% de mulheres, num espaço cedido pela Paróquia, e de outro direcionado aos ciganos. Trabalhar em projetos com crianças abandonadas tem sido a missão de HPM durante a sua

vida: como religiosa e professora atuou em projetos com crianças abandonadas, chegou a ficar um período em Lisboa, multiplicando essas experiências com outras instituições. Atualmente participa da Casa da Infância e é associada da Casa dos Pobres. Na ANAI há 5 anos, MTB atua no projeto Leitura e Escrita do Idoso. Convidada para alfabetizar uma senhora de 75 anos, única do grupo que não sabia ler, decidiu empreender numa nova metodologia e, assim, a cada encontro a senhora contava a sua história e alguém do grupo a escrevia. Os pequenos textos foram sendo construídos, ilustrados e utilizados na dinâmica dos encontros e, ao fim de um período, organizados em um pequeno livro atualmente disponível a pessoas que queiram adquiri-lo. MCR assumiu este ano o posto de vogal na Oficina do Idoso, também atua no Projeto Leitura e Escrita do Idoso e atende a outras demandas pontuais em que entende que pode contribuir como, por exemplo, na Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), onde eventualmente atua.

Entre os sujeitos residentes em São Paulo, conforme **Tabela 2**, há 3 que trabalham regularmente com carga horária de mais de 8 horas diárias, além de tocarem outros projetos paralelos nas suas respectivas áreas: Publicitária (ACM), Ensino Universitário (RM) e Direito Trabalhista (ML).

Tabela 2. Distribuição dos sujeitos entrevistados com dados demográficos

Sujeitos residentes em São Paulo - Brasil							
Sujeitos	Sexo	Idade	Estado civil	Filhos	Netos	Nível de Escolaridade	Ocupação (*)
ACM	M	69	Divorc.	3	4	Curso Superior	TR/TV
JN	F	79	Viúva	4	7	9ª. Classe	TV
HV	F	61	Casada	2	-	Curso Superior	TV
RM	F	67	Divorc.	2	1	Curso Superior/Dout.	TR/TV
ML	M	64	Casado	-	-	Curso Superior	TR/TV

(*) TR – Trabalho Remunerado; TV – Trabalho Voluntário.

Fonte: Entrevistas realizadas a brasileiros residentes em São Paulo, 2007.

JN dedica-se a cuidar dos netos e a fazer trabalhos manuais como crochê e tricô durante o dia, às vezes entra pela noite e finais de semana quando não sai para passear. Excetuando algumas peças que são presenteadas a amigos e parentes, todo o seu trabalho é destinado a uma Instituição de Deficientes Visuais e outra de Crianças Carentes. Rotina semelhante tem a HV, que se dedica as atividades domésticas e participa de um coral que faz apresentação gratuita em Hospitais da Cidade de São Paulo. Além de fazer as apresentações, participa regularmente dos ensaios semanais.

Relacionamentos

No fator relacionamento com a família, 14 de um total de 15 entrevistados conseguiram intensificar os laços familiares na atual fase de pós-aposentados ou reformados. MCR, mulher, 62 anos, após a sua reforma, cuidou do seu pai que tinha mal de Parkinson. Em seu relato ela declara:

Cuidar do meu pai foi uma experiência enriquecedora e muito dolorosa. Eu não temo a morte, mas a uma doença prolongada. Um dia perguntei ao meu pai – o que lhe falta? Autonomia – ele me respondeu.

A literatura tem demonstrado que ao longo da história a mulher assume o papel de cuidadora no seio da família. Cuida da casa, dos filhos, dos pais, do cônjuge e em muitos casos dos netos. JN, mulher, 79 anos, acumula às suas atividades artesanais o cuidar de dois dos seus netos. Se é fato que nessa amostra os relacionamentos com a família foram mantidos e, na grande maioria dos casos, intensificados, é fato também que apenas um entre eles tem expectativa de que, se um dia no futuro vier a precisar de cuidados, contará com os filhos. Os respondentes declararam não contar com os cuidados dos filhos porque entendem que o atual estilo de vida deles não comporta tais demandas. Por outro lado, há muitos receios por parte dos sujeitos de necessitarem de uma internação numa instituição de idosos, e um dos motivos apontados é a frieza e despersonalização das relações. “O idoso precisa ser tratado com muito jeitinho. As pessoas têm medo de ir pra um lar e ser maltratadas. Não gostava de ir pra um lar, temo a indiferença e falta de amor ao próximo das pessoas” (HPM, 73 anos). Dos 15 sujeitos reformados, 14 expressaram o desejo de morar até o fim da vida em seu próprio lar e, em caso de necessidade, ter uma pessoa a lhe fazer companhia ou dar-lhe assistência.

Nas entrevistas realizadas foi muito presente a importância atribuída às amizades de agora, de antes e de outrora. Os sujeitos quase em sua totalidade (12) consideram a atual fase como a melhor em sua vida. Sublinharam que a emoção é mais forte nessa etapa do que nas anteriores, como nas palavras de APB (homem, 68 anos) ao dizer:

Sinto-me mais emotivo atualmente. Acho que a emoção é uma característica própria dessa idade. Não sei, ... talvez seja uma marca. Não vejo como mal. Essa sensibilidade devia acontecer mais cedo.

Por outro lado a observação feita por CAF, 70 anos, é que

O idoso tem que saber lidar com os outros em especial com os jovens. Precisam respeitar para serem respeitados. Precisam se adaptar às rotinas das suas famílias e não ao contrário. Os idosos ficam muito egoístas e acham que todos têm de se adaptar a eles.

Há quem admita que antigamente as amizades eram mais verdadeiras. HPM, mulher de 73 anos, responsabiliza a televisão pela incapacidade das pessoas atualmente se dedicarem aos outros e afirma:

A televisão roubou o tempo que as pessoas tinham pra conversar. Hoje falta verdade nas amizades, falta afetividade. As pessoas não têm tempo para outra porque tem que ver o programa na televisão.

Trabalho e Saúde

Os sujeitos revelaram em suas falas um forte fascínio pelo trabalho na medida em que, segundo eles, o trabalho lhes possibilita estar em contato com o mundo, interagir com pessoas de todas as idades. Eis o relato de APB, 68 anos, que faz trabalho voluntário:

Quero trabalhar até quando Deus me der forças. A reforma não é motivo pra se ficar em casa parado, ó.. pá. Tenho a minha renda que é pouca, se calhar... Dá pra viver com dignidade, portanto, não vou ficar aí... parado. Tenho um amigo, médico, da minha idade, um cara com uma cultura pá... e fica à toa... e... eu sinto que lhe falta algo, digo pra ele, vem com a gente... Eu gosto de me sentir ativo. É bonito ser voluntário. Quem começou a trabalhar cedo desenvolve uma cultura dentro de si... é que não acha sentido na vida sem o trabalho. Pois... eu acho sentido no trabalho, encontro prazer no trabalho e pelo trabalho consigo me autorealizar. Gosto de me sentir cansado antes de dormir, pego um livro pra ler... durmo e sei que amanhã tenho coisas pra fazer. Tenho uma rotina, gosto de tudo direitinho, mas aceito improvisar para arranjar as coisas, atender as emergências. Olhe... hoje cedo uma amiga telefonou, o carro dela teve uma avaria. Eu a ajudei, a levei ao trabalho, e levei o carro ao conserto. Hoje acordei mais cedo para essa emergência e tive que arranjar a minha agenda pra dar essa entrevista. Olhe aqui... nunca tive doença na aparência... mas há 13 anos convivo com um câncer – tenho um linfoma maligno, e portanto tomo os remédios, que são fortes, faço as quimioterapias e vou lutando pela vida. Há quem diga que eu trabalho mais para os outros, vivo mais para os outros, mas não concordo. Tem muita gente aqui que vive como eu, dedica-se a causas sociais, outros pensam mais na matéria, eu não penso assim, mas... se calhar... é preciso que exista gente assim.

O relato acima sublinha o trabalho como fonte de sentido para a vida, de prazer, de autorealização e esses aspectos aparecem com frequência nas falas dos entrevistados. Se trabalhar se tornou uma necessidade humana, o não trabalhar pode desencadear sentimentos de culpa, de impotência, de improdutividade, de inutilidade. A vida sem o trabalho (Bergamini, 2002) provoca no indivíduo uma sensação de perda de sentido e de identidade, levando-o a uma exclusão social. O trabalho atua como um referencial que conecta cada

indivíduo ao seu ‘mundo real’, na medida em que ele encontra no trabalho oportunidades para atingir seus objetivos de vida, e mais, seus objetivos de satisfação interior, aqueles situados no mais alto nível de prioridade individual, como, por exemplo, pretender trabalhar até os 100 anos, segundo o relato de MFC, 70 anos, micro empresária:

Olha menina eu comecei a trabalhar aos 16 anos, queria mesmo era ser atleta, mas... o meu pai não me deixou. Comecei a tecer em tear manual aos 16 anos, ah pá... mas... sabe... eu gostava mesmo era de brincar na rua, jogar bola com os miúdos... naquele tempo não pegava bem uma mulher ser atleta, quem me dera... ainda hoje não sei ficar parada... tem que andar sempre a mexer... não conseguiria ficar a casa. Não faço trabalho voluntário, se fechar o comércio eu faço. Pretendo trabalhar até os 100 anos, gosto disso aqui, gosto do convívio com as pessoas, não faço isso pelo dinheiro. Na segunda-feira, geralmente eu não abro aqui, só se precisar... outro dia abri pra atender uma amiga que queria umas coisitas pró neto.... Gosto de ir ao Porto, Lisboa, vou passear e faço compras prá loja também... ah e aproveito também pra rever as amigas. A minha saúde sempre foi boa, digo... ficou ruim depois que fiz 66 anos. Uso ervas... não sou dada a farmácia. Acordo cedo, às 5 horas da manhã, todo dia, pois gosto de andar a pé, gosto de tramar, temos uma carrinha, meu marido usa para trabalhar, eu prefiro caminhar, ninguém me acompanha... Oh... eu ando da R. da Sofia até os Covões a pé, todo dia. O meu irmão passou essa loja pra mim. Se eu não tivesse isso aqui eu morria. Tenho uma vida tranquila, ando com a cabeça direita e tenho saúde. Tem gente aqui desanimada com os negócios, diz que o dia tá fraco, que não entrou nenhum níquel no caixa... e eu digo pra essa gente... menino você tem que acreditar hoje tá fraco, amanhã melhora, se continua pensando que tudo tá ruim, você vai morrer cedo.

Esses relatos parecem revelar que o trabalho diário dessas pessoas funciona como o combustível para mantê-las ativas e como um meio de manter contato com outras pessoas de diferentes gêneros, formação cultural e idades. Weber (2004) já afirmara que as práticas vividas no trabalho se confundem com o próprio cotidiano do indivíduo. O depoimento de ACM, reformado, 69 anos, que atua na área comercial de um jornal, exprime essa idéia.

Enquanto eu tiver lucidez e voz eu quero e vou trabalhar. Sempre atuei na área comercial e ainda hoje utilizo o conhecimento e as técnicas adquiridas quando eu era moço. Acumulei muitas idéias e muitos contatos e no dia-a-dia vou atualizando. Sinto-me satisfeito no meu trabalho pela possibilidade de me relacionar com pessoas de todas as idades. Essa experiência me realiza pessoal e profissionalmente, pois faço contato social e também humano. Mas também tenho aborrecimentos. A parte administrativa, o prestar contas à Direção Comercial, a inveja, a competitividade entre as pessoas e departamentos me chateiam, muito, muitíssimo. Tenho a minha aposentadoria, às vezes penso em sair da empresa, mas não saberia viver parado. Sempre fui ativo. Trabalho e estudo desde os 12 anos. Nunca mais parei. Sempre conciliei trabalho e estudo. O trabalho me realiza. Sei que nada é eterno. Se tiver que parar, esse momento vai se revelar, eu não estou planejando isso. Tenho muita saúde, não tomo remédios à exceção de algumas vitaminas, se não fosse o excesso de peso me sentiria um garotão, mas ando muito, me locomovo com muita facilidade.

Há alguma relação entre o seu trabalho e a sua saúde?

Sim, no aspecto físico, o trabalho me permite uma disciplina alimentar, sou muito guloso quando estou em casa, como fora dos horários e assalto a geladeira a toda hora. No aspecto

psicológico o trabalho me mantém ativo, faz sentir-me útil, em contato direto com o mundo. O trabalho fomenta a minha autorealização.

Nas entrevistas realizadas, foi feita a pergunta “quais os motivos para continuar trabalhando?” a todos os entrevistados e as respostas (Quadro 1) indicaram motivações de caráter mais subjetivo como a autorealização, estar em permanente contato com pessoas, manter o gosto pela vida, cooperar e não competir com o outro, sentir-se útil à sociedade.

Quadro 1. Pergunta feita durante a entrevista aos 15 sujeitos (Coimbra e São Paulo)

Quais os motivos para continuar trabalhando?
<ul style="list-style-type: none">➤ O trabalho me realiza e me põe em contato com o mundo, me permite aprender e reaprender certas coisas e ser um complemento à minha renda➤ Prazer (TV)➤ Contato com pessoas (TV).➤ Mantenho-me ligada, cabeça ativa, faço novos amigos, aprendo coisas novas. Para ter mais dinheiro e poder viajar. Gozar a vida sempre e não chorar por migalhas.➤ Pelo trabalho me realizo e faço contato com as pessoas (TV).➤ Questão congênita sempre gostei de trabalhar e de me relacionar com outras pessoas.➤ O trabalho me faz manter o interesse pela vida.➤ Estar em contato com as pessoas, ter amigos.➤ É poder ajudar ao outro (TV).➤ O trabalho é autorealização, é aprender sempre.➤ Estar em cooperação e não em competição (TV).➤ Conviver com as pessoas, trabalho mais pelo convívio.➤ Sinto alegria e prazer de estar aqui (TV).➤ Relacionar-me com outras pessoas e também ter um complemento à renda.➤ Trabalho para me sentir útil à sociedade. O trabalho é uma forma de realização.

Apenas três sujeitos incluíram nas motivações um meio para terem um complemento de renda. ACM (69 anos) declarou que o rendimento da aposentadoria não seria suficiente para manter o seu atual padrão de vida.

Considerações Finais

Para encerrar as análises, recorro a Bobbio (1997: 29): “a velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade.” E quando termina a maturidade? Quando começa a velhice? As respostas dos entrevistados revelam diferentes visões, mas nenhuma delas está relacionada à idade cronológica, pois a velhice, assim como as outras etapas da vida, é uma construção social e para Concone (2005) os parâmetros definidores dessas etapas já se mostram inadequadas para escolhas e

avaliações. O critério adotado neste estudo (ter 60 anos e mais de idade) foi um ponto de referência metodológico para ser coerente com as leis brasileiras e com o Estatuto do Idoso que, nas suas políticas, considera idoso o cidadão com 60 anos e mais de idade.

A mídia refere-se à velhice com imagens que remetem à decrepitude, à fragilidade, à impotência e incapacidade e essas representações influenciam fortemente as percepções que se tem sobre os maiores de 60 anos e até as deles próprios. Segundo Mercadante (2005), o corpo do ‘idoso’, por si só, não revela a condição decrépita; no entanto, uma vez que o estigma da negatividade e da impossibilidade se instala no corpo, ele também se amplia sobre a personalidade. Ao serem indagados sobre o que pensam da velhice, os entrevistados revelaram as suas percepções acerca das limitações, dificuldades e falta de autonomia dessa fase da vida, mas nenhum deles admitiu se identificar com tais situações, como se vê em suas falas no **Quadro 2**.

Quadro 2. Respostas dos entrevistados à pergunta “O que é velhice?”

O que é velhice?
<ul style="list-style-type: none">➤ A gente não se sente velha, o tempo passa e a gente nem vê.➤ Uma fase melhor porque já criou os filhos, tem possibilidade de fazer mais coisas, tem mais tempo, quando trabalha é muito difícil conciliar tudo.➤ A velhice é feia, mas respeito e admiro, entretanto um jovem mau se torna um idoso mau...➤ É o final de um ciclo de vida.➤ É quando as limitações são tantas que te impedem de interagir com outros, mas quero acrescentar uma frase do Alex Periscinoto que diz: o que é inteligente não envelhece se torna um clássico.➤ A velhice é física e deve ser combatida com atividade física. Só e velho quem quer ser velho. Deve-se relançar na vida.➤ É uma pessoa bloqueada pelo tempo. É alguém que não tem motivação pela vida.➤ Velhice é ser dependente, não ter autonomia.➤ É quando a doença domina a gente.➤ É quando a pessoa deixa de acreditar➤ É ta na cama e não poder andar, não ter autonomia. Há pessoas novas que só reclamam de dor.➤ É quando acaba a curiosidade, quando há limitações.➤ É uma coisa ruim... principalmente quando a pessoa não se previne enquanto é novo, como por exemplo, o abuso do álcool.➤ É quando a pessoa se sente saturado de viver, deixa de acreditar em si.➤ É perder o entusiasmo pela vida, é deixar de amar inclusive a si própria.

Para os entrevistados a velhice é um final de ciclo, é feia, mas também é uma fase melhor porque já se cumpriu a missão de criar os filhos. A velhice é a limitação que impede a liberdade de interagir com o outro, a velhice é física porque inteligência não envelhece, a velhice é estar dominado pela doença. A fala de muitos dos entrevistados revela uma visão da

velhice como uma fase de impossibilidades e de declínio que não lhe pertence, algo abstrato que faz parte da exterioridade ou que não os atingiu, como nas palavras de JN (mulher, 79 anos): “a gente não se sente velha, o tempo passa e a gente não vê”.

O trabalho aparece na fala dos entrevistados como um meio de atender a uma gama de interesses e necessidades, tanto de caráter objetivo quanto subjetivo, como por exemplo: ganhar mais dinheiro, manter um padrão de vida mais confortável, sentir-se útil, relacionar-se com pessoas de diferentes idades, aprender coisas novas. Foi muito pontual a ênfase em querer um tipo de trabalho que possibilite mais autonomia, que não necessite de submeter-se a horários rígidos.

No que diz respeito à personalidade das pessoas com mais de 60 anos, a literatura acentua alguns comportamentos predominantes nessa fase da vida, tais como: a tenacidade, a disciplina, a calma e a paciência somadas à experiência e sabedoria adquiridas ao longo da vida. Esses fatores, combinados às novas posturas adotadas por esses entrevistados no que se refere a entender o mundo atual e lidar com as mudanças, aprender coisas novas, desenvolver novas habilidades e buscar novas oportunidades no mercado – seja como empregado seja como dono de um negócio –, suscitam a formulação de algumas questões:

- Haverá espaço no mercado de trabalho para absorver esse amplo segmento de velhos/novos trabalhadores?
- Estariam esses trabalhadores preparados para empreender no mundo dos negócios?
- Teriam eles os traços de personalidade atribuídos ao empreendedor?
- É possível ensinar as técnicas e estratégias necessárias para empreender em um negócio?

As questões são inúmeras e esta pesquisa não consegue dar todas as respostas; contudo, propõe pistas no sentido de se priorizar a devida atenção ao maior de 60 anos, não apenas no sentido de devolver-lhe economicamente o que é justo em termos de valor de reforma/aposentadoria, mas sobretudo em oferecer oportunidades para que essas pessoas expressem as suas capacidades e as suas potencialidades. Neste sentido, o ‘empreendedorismo’ pode ser o porto para onde devem convergir de um lado as mentes férteis dos maiores de 60 anos no afã de novas oportunidades e, do outro, o apoio das Instituições de Ensino, do Estado e da Sociedade.

Os entrevistados de Coimbra, de modo geral, entendem que o idoso é bem assistido na cidade, embora haja críticas pontuais ao valor da reforma e ao pagamento de taxas nas consultas médicas, cujos valores reconhecem como pequenos, mas entendem que não

deveriam ser cobrados. Com relação a São Paulo, a amostra ainda está incompleta e até ao momento representa apenas a classe média com melhor faixa de renda. ML (64 anos) se mostra indignado com uma sociedade que necessita normatizar o percentual de assentos² para os maiores de 60 anos no transporte público. Entende que as pessoas devem aprender a ser solidárias umas com as outras, independentemente da idade. No que se refere ao valor da aposentadoria, existe a queixa comum de insuficiência nos valores e injustiça no critério de devolução daquilo que ao longo de décadas foi investido na Segurança Social.

Finalmente, dado o objetivo desse estudo em conhecer o motivo das pessoas continuarem trabalhando após reformadas, as respostas indicam que a principal motivação é um forte desejo de se sentirem úteis e a busca de autorealização por meio da prática de atividades em que possam aplicar as suas competências num ambiente rico em cooperação, em amizade e acima de tudo com flexibilidade nos horários. Essas respostas não satisfazem todas as indagações feitas, mas oferecem boas pistas para as organizações, em especial no tocante à satisfação dos indivíduos. A relação entre o bem-estar das pessoas e o fato de elas estarem trabalhando se manifesta positivamente nas falas, como diz ADA, 81 anos:

Acordo às 6h e mantenho-me ocupado o tempo todo, há dias que vou até às 22 horas, não dou espaço ao tédio, tenho muitas atividades e cada uma delas se desdobra em outras e assim vou levando a vida, mas de bem com ela...

² Pelo Estatuto do Idoso, Lei 10741 de 2003 há obrigatoriedade das empresas de transporte público reservarem 10% dos assentos para os maiores de 65 anos.

Referências bibliográficas

- Bergamini, Cecília W. (2002), “Motivação: uma viagem ao centro do conceito”. *São Paulo: ERA Executivo*, 1(2).
- Bobbio, Norberto (1997), *O tempo da memória*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Bonfim, Patrícia (2005), “Inteligência não se aposenta,” *O Estado de São Paulo*, Caderno Especial H 18 de 11. 08.2005.
- Concone, Maria Helena Villas Boas (2005), “O Corpo: cultura e natureza. Pensando a velhice”, in Beltrina Corte; Elizabeth Frohlich Mercadante; Irene Gaeta Arcuri (orgs.), *Velhice envelhecimento complex(idade)*. São Paulo: Vetor, 131-144.
- Corte, Beltrina; Mercadante, Elizabeth Frohlich; Arcuri, Irene Gaeta (orgs.) (2005), *Velhice envelhecimento complex(idade)*. São Paulo: Vetor.
- Department of Economic and Social Affairs (2007), *World Economic and Social Survey*. New York: United Nations.
- De Masi, Domenico (2000), *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Drucker, Peter Ferdinand (2005), *Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Møller, I. Hornemann; Hespanha, Pedro (2002), “Padrões de Exclusão e Estratégias Pessoais”, *Oficina do CES*, 177. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/177/177.php>>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 26 de Junho de 2008.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) 2008, dados de 2001, Disponíveis em: <www.ine.pt>. Acesso em 16 de Maio de 2008.
- Mercadante, E. Frohlich (2005), “Velhice: uma questão complexa”, in Beltrina Corte; Elizabeth Frohlich Mercadante; Irene Gaeta Arcuri (orgs.), *Velhice envelhecimento complex(idade)*. São Paulo: Vetor.
- Néri, Marcelo (2007), “Aposentados investem no próprio negócio”. Disponível em: <<http://www.previ.com.br/portal/page>>. Acesso em 04.10.07.
- Portugal, Silva (2005), “‘Quem tem amigos tem saúde’: O papel das redes sociais no acesso aos cuidados de saúde”, *Oficina do CES*, 235. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/235/235.php>>.
- Santos, Maria de Fátima de Souza (1990), *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Disponível em: <www.sebraepb.com.br/noticias.jsp?pagina=noticia&=23&idCategoria=2>. Acesso em Junho de 2008.
- Weber, Max (2004), *Ciência e Política: duas vocações*. 12ª Ed. São Paulo: Cultrix.